



Deus e a dor do mundo

segundo o teólogo **JÜRGEN MOLTMANN**, toda a dor do mundo foi assumida pela dor do Pai, na entrega do Filho e na força do Espírito.

O comentário é de **FRANCESCO STRAZZARI**, teólogo e padre da Diocese de Vincenza, na Itália. O artigo foi publicado em *Settimana News*, 29-03-2020.

Nestes tempos de coronavírus, ouve-se tudo e mais alguma coisa... Por exemplo, o bispo de Cuernavaca (México), **Ramón Castro**, numa homilia dominical – não numa entrevista, ou numa conferência ou debate –, disse que Deus estava irritado por os homens terem aberto o caminho ao aborto, à eutanásia e a diversidade sexual. Trouxe à baila os furtos, a corrupção, a violência, mas não o tráfico de drogas.

É evidente que o atual pastor da diocese de Cuernavaca não é, nem sequer, uma pálida sombra do mítico MÉNDEZ ARCEO, que esteve à frente da diocese de 1953 a 1983, uma das figuras mais prestigiadas do Concílio Vaticano II. Basta pensar no seu apoio à *Teologia da Libertação* e ao *Centro Cultural de Documentação* (CIDOC) do filósofo **Ivan Illich**, que teve muitos problemas com o Vaticano.

O brado do bispo Ramón Castro, que afirmou ser o “**grito de Deus**”, não está, com certeza, na linha da intervenção do conhecido jesuíta **James Martin**, que, no *New York Times* do dia 22 de março, lançou a seguinte pergunta: **onde está Deus no meio desta pandemia?**

O Deus crucificado

Seja-nos permitido incomodar o grande teólogo reformado, (noventa e três anos), **JÜRGEN MOLTMANN** que, nos anos setenta do século passado, levantou a questão: Deus e a dor do mundo, um tema clássico, desde sempre presente na reflexão teológica, voltou à tona nestes tempos de coronavírus, não questionando, apenas, os teólogos, mas também as comunidades cristãs, que lidam

com o jejum eucarístico, as missas sem participação coral, os ritos mais significativos do ano litúrgico (**o Tríduo Pascal**).

O teólogo **Rosino Gibellini** recorda, em “*Antologia del Novecento Teologico*” [Antologia do Século XX Teológico] (Bréscia: Queriniana, 2011, p. 203), que, já no século IV, **São Basílio**, nas homilias da maturidade, falava deste tema, como um “problema frequentemente debatido”.

Nos tempos modernos, o filósofo alemão **Leibniz** (1646-1716) abordou-o nos “*Ensaio de teologia*” (1710). Como se pode conciliar a onipotência de Deus e a sua bondade, com a presença do mal e da dor no mundo? Como se pode justificar a existência de Deus diante do sofrimento?

Nestes nossos tempos, o filósofo-teólogo espanhol **Andrés Torres Queiruga**, fez do assunto o objeto de valiosas argumentações. Os seus textos sobre este tema, são os mais importantes e significativos, no horizonte teológico atual.

Nenhum teólogo do século XX – que conheceu **Auschwitz**, **Hiroshima**, o **Arquipélago Gulag** – deu uma contribuição tão importante e decisiva quanto o teólogo MOLTSMANN, com a obra “**O Deus crucificado**” (1972). É uma reflexão que se enraíza na Bíblia, atravessa a filosofia e a teologia, interpela a vida quotidiana do sofrimento e da morte de tantos inocentes, vítimas de guerras absurdas, de ideologias demoníacas, de comportamentos desumanos.

O centro da reflexão de MOLTSMANN é o envolvimento de Deus na paixão do mundo. A cruz é vista e interpretada como um “acontecimento de Deus”, como “história de Deus” e, conseqüentemente, como “história da história humana”. A conclusão é que a história humana é Deus. “*O Deus crucificado*” está,

intimamente, conectado com a esperança.

O sofrimento de Deus

MOLTSMANN é o principal artífice da **Teologia da Esperança**, que o teólogo evangélico já havia delineado em 1964, quando ensinava teologia sistemática em Bona, e que continuaria a lecionar na Universidade de Tübingen, a partir de 1967, dando vida e corpo à cristologia escatológica, que pode ser resumida na célebre expressão: na ressurreição de Cristo estão lançadas as bases do futuro da humanidade. Isso, especialmente, depois de **Auschwitz**, com a inquietante pergunta: que teologia depois de Auschwitz? “**O Deus crucificado**” – observa MOLTSMANN – dá profundidade e radicalidade à esperança, introduzindo no movimento messiânico a história da paixão humana.

Observa MOLTSMANN: a cruz deve ser entendida em termos trinitários. “**Toda a história humana, por mais marcada que esteja pela culpa e pela morte, é superada nessa ‘história de Deus’, quer dizer, na Trindade, e integrada no futuro da ‘história de Deus’. Não existe nenhum sofrimento que, não seja sofrimento de Deus, assim como não existe nenhuma morte que se não tenha tornado morte de Deus na história do Gólgota. Por isso, muito**

menos existirão vida, felicidade e alegria que não sejam integradas, mediante a sua história, na história eterna, na alegria infinita de Deus (“*O Deus crucificado*”, p. 288).

“Pensemos nos mártires”: escreve MOLTSMANN (1972). “A propósito dessas pessoas, dessas vítimas mudas, só podemos dizer, em sentido realmente figurado, que o próprio Deus pende da força” (referência à cena descrita por **Elie Wiesel**, “*La Nuit*”, 1950).

E, se o afirmarmos com seriedade, também teremos de acrescentar que, tal como a **cruz de Cristo**, também o campo de concentração de Auschwitz se encontra no próprio Deus, ou seja, foi assumido na dor do Pai, na entrega do Filho e na força do Espírito.

O que não implica a menor justificação para o que aconteceu naquele campo de concentração, para as atrocidades sofridas por todas aquelas vítimas, porque a própria cruz marca o início da história trinitária de Deus. Somente com a ressurreição dos mortos, dos assas-

sinados e dos gaseados; somente com a cura dos angustiados e martirizados em vida; somente com a demolição de todo o poder e domínio, com a aniquilação da morte, o Filho entregará o reino ao Pai, como Paulo afirma em **1 Coríntios 15**. Então, Deus transformará a própria dor em alegria eterna.

É nestes termos que se anunciam o cumprimento da história trinitária de Deus e o fim da história do mundo, a superação do sofrimento e a realização da história de esperança da humanidade.

Deus em **Auschwitz** e **Auschwitz** em Deus: esse é o fundamento de uma esperança real, que abraça a realidade do mundo e triunfa sobre ela, e é, também, a razão de um amor que é mais forte do que a morte, e que pode “manter parado o *mortuum*” (expressão hegeliana que indica a força de resistência a tudo o que dissolve e aniquila) (cf. “*O Deus crucificado*”, pp. 325-327).

Haverá uma teologia pós-pandemia? A interrogação já circula por aí.

Sobre o teólogo JURGEN MOLTSMANN ver as *FOLHA DOMINICAL (FD) DA SERRA DO PILAR*:

FD n° 1392 — A PAIXÃO: POR UMA SOCIEDADE SEM VÍTIMAS

FD n° 1579 — BISPOS ESQUECEREM O VATICANO II É UMA VERGONHA!

FD n° 1941 — UMA ESPIRITUALIDADE ECUMÉNICA VIVIDA HOJE. DIÁLOGO ENTRE HANS KUNG E JURGEN MOLTSMANN

FD n° 1979 — O DEUS DA ESPERANÇA E O NOSSO FUTURO

FD n° 2098 — AQUELES GESTOS QUE ATESTAM A GRANDEZA DA VIDA



Cristo não sai este ano em procissão?

Quem inventou essa história,
que Cristo este ano não sai?
Se Ele está vestido de branco,
de azul ou de verde, nos hospitais?

Quem disse que o Nazareno não pode fazer penitência,
se estão todos atendendo os doentes nas urgências?

Como é que o Senhor dos Passos não sairá na Semana Santa?
Olha para Ele nos nossos médicos que sucumbem rendidos, exaustos,
como humildes cireneus, ajudando a cada passo:
socorristas, enfermeiros, pessoal administrativo,
lado a lado, sem descanso.

Como outrora, numa jumentinha, passou Jesus pela terra.
Assim nossos heróis caminhantes passam as noites velando,
para abastecer mercados de bairro, farmácias, lojas...
O exército, a polícia, patrulham ruas desertas,
não estão com suas famílias, mas a cuidar das nossas.

E longe das cidades Jesus Cristo,
verga-se sobre os sulcos da terra,
lança-se no mar num barco,
estende cabos, abre poços e pastoreia o gado.

Ninguém diga que o Senhor não está nas ruas presente,
quando nas igrejas solitárias,
os sacerdotes celebram missa todos os dias.

Ninguém diga que Jesus Cativo não vai sair este ano,
enquanto houver uma voz boa clamando pelo que está preso.
Ninguém diga que Jesus do Grande Poder não vai sair no seu andor,
quando tantas vidas orantes se oferecem e amam.

Com cansaço no olhar,
com bom humor, sem falhar,
também Cristo está presente
em qualquer supermercado,
repondo as prateleiras,
ou junto à caixa cobrando.

Jesus vem no camião de branco e verde pintado,
recolher o nosso lixo, e vai-se sem ser notado.

Quando vejo tanta gente que os seus já enterrou,
sinto que também saiu a Senhora da Piedade, do bairro de baixo,
a Virgem das Angústias, com seu Filho no regaço.

E mesmo que a todos nos assuste
passar pelo Santo Sepulcro,
é aí que está a fortaleza d'Aquele que venceu o mundo.

Talvez não haja procissões com imagens esculpidas,
mas, olha, Cristo sai ao encontro da tua vida,
em mil rostos escondidos, sem velas nem sinos.
Mesmo não havendo procissões,
permanecerá o cheiro do incenso que faz bem à nossa gente.

O amor transpõe os muros,
o coração não se encerra.
Será uma Semana Santa, mais que nunca verdadeira.

Jesus perante a sua Morte

Jesus previu seriamente a possibilidade de uma morte violenta. Talvez não contasse com a intervenção da autoridade romana ou a crucificação como o último destino mais provável. Mas não se Lhe ocultava a reação que a Sua atuação estava a provocar nos sectores mais poderosos. O rosto de Deus que apresenta desfaz demasiados esquemas teológicos, e o anúncio do Seu reinado quebra demasiadas seguranças políticas e religiosas.

No entanto, nada muda a sua atuação. Não ilude a morte. Não se defende. Não empreende a fuga. Tampouco procura a sua perdição. Não é Jesus o homem que procura a Sua morte em atitude suicida. Durante a sua curta estadia em Jerusalém, esforça-se por se ocultar e não aparecer em público.

Se queremos saber como Jesus viveu a sua morte, devemos deter-nos em duas atitudes fundamentais que dão sentido a todo o seu comportamento final. Toda a

sua vida foi «desviver-se» pela causa de Deus e ao serviço libertador dos homens. A sua morte selará agora a sua vida. Jesus morrerá por fidelidade ao Pai e por solidariedade com os homens.

Em primeiro lugar, Jesus enfrenta a sua própria morte a partir de uma atitude de total confiança no Pai. Avança para a morte, convencido de que a Sua execução não poderá impedir a chegada do reino de Deus, que continua a anunciar até ao final.

Na ceia de despedida, Jesus manifesta a sua

total fé de que voltará a comer com os Seus a Páscoa verdadeira, quando se estabeleça o reino definitivo de Deus, por cima de todas as injustiças que possam cometer os humanos.



Cristo crucificado, do Mestre José Rodrigues (1936-2016).

Quando tudo fracassa e até Deus parece abandoná-Lo como a um falso profeta, condenado justamente em nome da lei, Jesus grita: *«Pai, nas Tuas mãos ponho a Minha vida»*.

JOSÉ ANTONIO PAGOLA

Ramos – B (Mc 14, 1 – 15, 47)

Por outro lado, Jesus morre numa atitude de solidariedade e de serviço a todos. Toda a sua vida consistiu em defender os pobres frente à desumanidade dos ricos, em solidarizar-se com os débeis frente aos interesses egoístas dos poderosos, em anunciar o perdão aos pecadores frente à dureza inamovível dos «justos».

Agora sofre a morte de um pobre, de um abandonado que nada pode ante o poder dos que dominam a Terra. E vive a sua morte como um serviço. O último e supremo serviço que pode fazer à causa de Deus e à salvação definitiva dos seus filhos e filhas.